

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo
comprehendam...»

AD PHILIP. 3, 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

«... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad brasium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesu.»

AD PHILIP. 13, 14.

SUMMARIO: — SECÇÃO DOCTRINAR: *Derec dos catholicos*, pela redacção. — SECÇÃO HISTORICA: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, pelo rev.^{mo} sr. Padre João Vieira Novos Castro da Cruz. — SECÇÃO CRITICA: *Pedi e recebereis*, pelo ex.^{mo} sr. Antonio Moreira Bello; *A Religião e a revolução*, pelo ex.^{mo} sr. Placido de Vasconcellos Maya; *Philosophismo!* pelo ex.^{mo} sr. Dom Antonio d'Almeida; *A verdadeira Bernadette de Lourdes* (cartas do Mons. Ricard ao sr. Emilio Zola) traduzidas pela redacção. — SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL: *Sobre a assistencia do confessor e do medico no lugar do duello*; — *Resolve-se que os Beneficiados da cathedral, attendendo principalmente ao costume, estão obrigados a assistir aos Votivos e enterrros dos conegos*. — SECÇÃO LITTERARIA: *O Monge*, pelo ex.^{mo} sr. M. Fernandes Solariano. — SECÇÃO ILLUSTRADA: *Assassinato de Emiliani e sua mulher e de Lazzoneschi*; *Santa Thereza de Jesus*, pela redacção. — RETROSPECTO; pela redacção.

GRAVURAS: *Assassinato de Emiliani e sua mulher e de Lazzoneschi*; *Santa Thereza de Jesus*.



ASSASSINATO DE EMILIANI E SUA MULHER
E DE LAZZONESCHI

SECÇÃO DOCTRINAL

Dever dos catholicos

QUANTO está chegado o momento dos catholicos, e principalmente do clero parochial, mostrarem o que querem e o que valem. D'aqui a um mez realisam-se as eleições para deputados e é necessario que os catholicos, compenetrando-se dos seus deveres, elejam alguns deputados reconhecidamente catholicos, catholicos não só de nome, mas d'acção, homens que se não envergonhem de confessar publicamente a Jesus Christo e que defendam, sempre que seja necessario, os interesses da Igreja e da Patria, sem se prendem com affeições partidarias.

E' uma vergonha que n'um paiz como o nosso, cuja maioria é catholica, os nossos legisladores e os nossos governos sejam, em regra, indifferentes á causa religiosa, quando não hostis.

E' uma vergonha que ministros da religião de Jesus Christo prestem o seu apoio e elejam, com a sua influencia, para deputados homens cujas crenças religiosas são, em geral, mais que suspeitas.

Isto é um escandalo, a que urge pôr termo para honra do clero.

Nas outras nações não se vê isto. O clero ou se abstem, como na Italia, em que lhe não é permittido, por ordem da Santa Sé, concorrer ás eleições de deputados, ou, quando entra em lucta, vota por candidatos reconhecidos como catholicos e propostos aos suffragios por um partido ou grupo cujo programma é essencialmente catholico.

Ora, como d'ordinario imitamos as outras nações no que tem de mau, porque não havemos d'imitar-as no que que tenham de bom?

Não sabemos como em boa consciencia catholicos praticos e sacerdotes dignos possam contribuir para a eleição d'homens que, na primeira occasião que se lhes offereça, se mostram indifferentes, quando não hostis, ao progresso e augmento da Religião, e approvam leis que offendem os interesses da Igreja.

Os eleitores são responsaveis pela escolha que fizerem dos seus representantes em côrtes. Se, sabendo que um candidato não merece confiança sob o ponto de vista religioso, votam n'elle, são responsaveis perante Deus do mal que esse deputado possa fazer.

Infelizmente poucos pensam assim, ou, se pensam, poucos se importam com isso.

E' tempo, porém, d'abrirmos os olhos e cumprirmos o nosso dever, quebrando por compromissos e ligações que, além de nos tornarem escravos dos politicos, nos compromettem a consciencia e nos levam a desprezar o cumprimento dos nossos deveres como christãos, do que teremos que dar contas a Deus.

Alguns candidatos exclusivamente catholicos se proporão a deputados nas proximas eleições. Votemos todos n'elles á carga cerrada, dizendo aos politicos, com a lealdade propria de christãos, que, acima d'amisades pessoas ou de compromissos politicos, está o cumprimento do nosso dever de christãos.

A' urna, pois, pelos candidatos catholicos!

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

(Continuado da pag. 187)

CCXXXVIII

P. Henrique Prémare

ONOME d'este illustre religioso occupa um logar eminente na historia da Companhia de Jesus; com justa razão pôde esta numerosa e esplendida familia ufanar-se de o contar entre os seus membros que muito a honraram. Viveu no ultimo quartel do seculo XVII e no primeiro do seguinte.

Nascido em França, reconhecida a sua alta capacidade intellectual e moral, foi o P. Henrique Prémare enviado pelos superiores da sua Ordem ao imperio da China, como missionario.

E não podia ir para alli um homem mais competente, tanto para prégar o Evangelho áquelles povos, como para investigar as antiguidades chinezas e penetrar as difficuldades da sua lingua. Partiu da França em 1698.

De todos os missionarios, que da Europa se dirigiram á China, nenhum fez mais progressos na litteratura d'aquelle imperio que o Jesuita Prémare. Alli viveu quasi quarenta annos, sempre prégando, estudando e escrevendo. Foi incançavel n'estes trabalhos, que só tinham por fim o bom desempenho do seu sagrado ministerio.

Falleceu este sabio jesuita, verdadeiro apostolo, em 1735, depois de prestar importantes serviços nas missões da China a todos os que para futuro se dirigissem áquelle paiz.

Deixou varias obras em latim e fran-

cez, que pela maior parte versam sobre as antiguidades chinezas e noções elementares da sua lingua, obras de grande merecimento e necessarias para quem desejar saber o que pertence á historia litteraria d'aquelle imperio. Escreveu tambem um tratado sobre os attributos de Deus, e Cartas a varias pessoas.

Todas as obras do P. Henrique Prémare são cheias de erudição e revelam profundos conhecimentos, sendo por isso devidamente apreciadas pelos homens sabios.

CCXXXVIII

P. Gaspar Sanches

Quando se nomeia o jesuita Sanches sem outra distincção, principalmente em materia theologica, entende-se sempre o P. Thomaz Sanches, natural de Cordova (Hespanha), que foi inquestionavelmente um dos mais profundos moralistas da Companhia de Jesus.

Já n'um capitulo anterior esboçamos a biographia d'este notavel theologo, tão calumniado e vituperado pelos jansenistas, e ainda por certa eschola que não adheria abertamente ao jansenismo.

Mas temos outro jesuita famoso, do mesmo cognome e da mesma familia: é Gaspar Sanches, de quem agora nos imos occupar.

Nasceu este insigne varão n'uma villa de Castella a Nova, chamada Cienpocos, a pouca distancia de Aranjuez, no anno de 1544. Foi professor de Escripura Sacra em Alcalá e em muitas outras cidades de Hespanha, porque realmente distinguio-se n'esta especie, sendo geralmente citado como auctor classico na interpretação dos livros santos.

O P. Gaspar Sanches é collocado a par dos Alapides, Tirinos, Maldonados e Riberas, famosos jesuitas n'esta materia.

Morreu de idade avançada em Madrid a 16 de novembro de 1628, deixando commentarios sobre alguns livros da Escripura, que são muito estimados. Este jesuita explica com solidéz e felicidade o sentido litteral dos auctores sagrados, e ao mesmo tempo não se esquece de declarar o sentido mystico e allegorico.

O seu commentario sobre o propheta Isaías passa por um dos melhores que ha a tal respeito.

(Continúa)

PADRE JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

SECÇÃO CRITICA

Pedi e recebereis

Não existe na terra; mas tenho fé que a sua alma se evolou ao céo. O seu escrupulo, ou a sua modestia, que me não dera liberdade á penna quando um dia, para lição e edificação talvez de muitos, pretendi relatar um successo quando menos estranho da sua vida, já agora não poderá estorvar que a deixe correr de vontade sobre o papel.

Todavia, respeitarei ainda assim o seu desejo em vivo, em homenagem á sua saudosa memoria: narrando o facto, occultarei o nome. Alguns terão conhecimento do facto e do protagonista; os que conheceram o individuo, ignorando o caso, adivinharão porventura que um se refere ao outro; e aquelles que nem d'um nem d'outro tiverem noticia, algum bem espero que colherão d'esta singela narrativa, que é quanto posso desejar.

X. era tecelão no Porto. A crise por que então estava passando o seu mester, era grave, profunda e geral. O pobre operario viu-se absolutamente sem trabalho, sem meios, e com quatro ou cinco bôccas a sustentar, a sua, a de sua santa mulher e as de dois ou tres fillinhos!

Como era christão, não se revoltou contra os patrões, contra o capital, contra a sociedade e contra Deus, como os descrentes e obsecados de hoje. Não exigiu, como outros, esmola de chapéo na cabeça, nem, como alguns, assaltou quem teria ou não teria mais que elle.

Soffreu por si e pelos seus, — muito mais pelos seus, — teve resignação e paciencia, e não cessou de buscar trabalho honrado. Infelizmente não o encontrou no Porto, nem nas suas visinhanças. Offereceu-se-lhe porém, pouco ou muito, bem ou mal remunerado, em Lisboa: deveria acceital-o?

Como o coração, e por conseguinte o amor e o sentimento, não são patrimonio exclusivo das classes alta e média, como ha quem erradamente supponha, foi para elle dolorosissima a alternativa em que se via collocado: d'um lado, ficar-se junto dos seus e vê-los padecer, definhar e talvez morrer de fome; d'outro, partir para a capital, e vê- se separado por sessenta longas leguas da esposa querida e dos estremeidos fillinhos.

Pensou, chorou, orou e allim decidiu-se a partir. Antes soffrer os tormentos da saudade do que ser causa, embora involuntaria, da morte lenta e cruel dos entes amados.

Que lagrimas e angustias na despedida! A separação de seros que unem os santos vinculos do sangue e do affecto, tem dôres mysteriosas e inexprimeveis. Só quem alguma vez as provou, pôde avaliar devidamente aquelle lancinante confranger do coração, aquelle incomportavel estremecer de todas as fibras da sensibilidade, aquelle como que arrancar da alma quando vêmos apartar-se de nós a pessoa querida ou quando d'ella nos alongamos. Parece que toda a nossa existencia se quer partir ou quedar com ella, e todavia apartamo-nos, distanciamo-nos, perdemo-nos de vista, e quem sabe se para sempre sobre a terra!

A esperança é uma bella coisa, uma doce consolação, um balsamo calmante para as dôres da alma; porém a esperança é tão incerta e tão fallivel! Vivemos agora; mas viveremos amanhã, viveremos no proprio instante que se segue ao presente? E a ideia de que poderemos não tornar a vêr a pessoa cara é tão cruciante, tão desalentadora! Só é certa e solida a esperança em Deus e na vida futura; qualquer outra é fumo que o vento dissipa!

Chegado a Lisboa o nosso bom e triste operario, entrou n'uma fabrica de tecidos, onde trabalhou uma semana com affinco e boa vontade porque trabalhava para os seus queridos, e onde o seu trabalho foi devidamente apreciado.

Desce a noite de sabbado: ordem do dono ou gerente da fabrica para que, no dia seguinte, todos os operarios comparecessem á hora costumada de abertura, porque se trabalharia todo o dia, sob pena de ser despedido aquelle que faltasse á chamada áquella hora regulamentar!

Ah! que tremenda responsabilidade a d'este e simillhantes industriaes ou capitalistas no estado gravissimo a que hoje chegou a questão do trabalho, a chamada questão social, que assume cada dia proporções mais pavorosas, e que ameaça subverter os estados! Deschristianizaram os operarios, ao mesmo passo que os tyrannisavam; e elles hoje seguem a bandeira da rebellião, descrentes e desmoralizados, e amanhã imporão porventura com a força as exigencias excessivas e desarrazoadas que hoje enunciam com arrogancia e altivez!

Ora X. era catholico, não só theorica, senão tambem praticamente: entre profanar o dia do Senhor com trabalho servil, infringindo o 3.º mandamento da sua lei, e ficar sem o seu logar e por tanto sem pão para si e para os seus, decidiu-se pela ultima alternativa, esperando comtudo, e não sem razão, na Providencia divina.

Na semana seguinte procurou traba-

lho pela sua arte, e em parte alguma o encontrou. E entretanto a lembrança da querida familia passando necessidades e acerbas privações atormentava-o!

Admittiram-n'o em fim, por favor ou compaixão, n'uma serralleria; mas que sabia elle d'este novo mester, inteiramente alheio ás suas habilitações e aos seus habitos? Assim é que teve de sujeitar-se aos serviços mais asperos, pesados e rudimentares: os de carrear carvão e ferro, cuidar das fornalhas, segurar as peças que eram malhadas e affeçoadas á bigorna, e outros que não exigiam conhecimentos especiaes nem ainda superficiaes da arte.

Privando-se de quanto podia para enviar á mulher o pouco que apurava n'aquelle novo officio, foi trabalhando em quanto as forças lh'o permittiram; mas chegou um dia em que as sentiu quasi exhaustas, não tanto quicá pelo pesado labor a que não estava acostumado, quanto pelas forçadas privações e sobretudo pela saudade, perenne e exercuciante, da companheira da sua vida e dos fructos do seu amor.

E tão grande, tão intensa, tão poderosa foi esta saudade, que não pôde resistir ao seu imperio, e resolveu voltar ao Porto e aos braços dos seus amados, embora fosse só para morrer com elles.

Foi para todos o regresso tão jubiloso quanto é de presumir: os risos e as lagrimas se misturaram com os mais affectuosos abraços e beijos.

Mas infelizmente, se o amor é um grande elemento de vida, não se vive só de amor; a natureza animal tem necessidades e exigencias a que se não pôde fugir. E o trabalho continuava a faltar; e não havia, nem podia haver, economias; e as pobres roupas e os moveis foram desapparecendo de casa, para serem convertidos em parco pão; e em pouco já nada havia que vender nem que empenhar; e a fome, negra e horrenda, entrou de novo n'aquella mesquinha habitação!

Em taes circumstancias, que faria qualquer homem sem moralidade, sem virtude e sem amor nem temor de Deus? Procuraria alcançar pelo crime o que lhe negava o trabalho; ou, não se importando da insondavel desgraça em que deixaria os que cá ficassem e a quem devia o amparo do seu braço, imaginaria achar o remedio dos seus males no suicidio.

Mas já disse que X. era christão, catholico, que é o verdadeiro christão. O roubo violento ou industrioso, o roubo de mão armada ou de mão enluvada, era para elle sempre um crime condemnado pelo Decalogo; e quanto ao suicidio, bem sabia elle que, se o não justifica a loucura, é a mais flagrante prova de cobardia, o mais irre-

fragavel monumento de impiedade, e o mais monstruoso attentado contra Deus e contra a natureza.

Que fez então? Prostrou-se e chorou, orou com fervor e esperou ainda e sempre na Providencia divina. Como era leitor assiduo de livros piedosos, é provavel que recordasse e repetisse n'esse terrivel lance estas ardentis palavras da *Imitação de Christo*:

«Em vós, pois, meu Deus e meu Senhor, ponho toda a minha esperança e refugio. No vosso seio lanço todas as minhas tribulações e angustias; pois que fóra de vós não vejo coisa que não seja fraca e sem firmeza. Não acho amigos que me sirvam, poder que me sustente, sabio que me aconselhe e guie, livro que me console, thesouros que me protejam, retiro que me assegure e defenda, se vós mesmo não sois o amigo que me assista, o protector que me sustente, o sabio que me illustre, a verdade que me console, o thesouro que me enriqueça, e o asylo que me ponha em segurança (1).»

Acaso lhe chamariam os incredulos; milagre não ousava chamar-lhe o piedoso operario, nem ousarei eu tão pouco; mas signal patente da protecção celeste, resposta amorosa d'Aquelle que disse aos homens — *Petite et accipietis*, — foi o facto que se deu n'aquelle instante que a muitos pareceria sem esperança.

Batem á porta; encommendam não me lembro quantos, mas em todo o caso uma diminuta porção de chales de simples feitura e pequeno valor, com promessa de maior encommenda se o trabalho agradasse.

Estava alli a salvação d'aquella atribulada familia, e o galardão da fé, virtudes e constancia do honrado operario: a sua obra foi bem recebida e regularmente remunerada, e as encommendas continuaram e cresceram a ponto que X., como costuma dizer-se, não tinha mãos a medir.

No entretanto, a crise da tecelagem ia-se modificando, até que alfin deixou de fazer-se sentir; e o nosso bom artista, graças ao auxilio divino, á regularidade e economia do seu viver, e á sua assiduidade e amor ao trabalho, viu convertida a abundancia, que por meio d'uma insignificante encommenda de chales de algodão lhe entrara na casa desnudada e faminta, em consoladora abastança; veio a ser possuidor de certo numero de teares, em que trabalhavam por sua conta e sob a sua direcção escolhidos operarios, e chegou a juntar a pouco e pouco um capital sufficiente para os derradeiros annos da vida.

Quizera eu poder reproduzir este to-

cante episodio da vida obscura, mas honrada e digna, do artista christão com a pathetica singeleza com que elle proprio m'o contou; mas como pintar a commoção que lhe agitava a voz e humedecia os olhos, os seus sentimentos de fundo reconhecimento ao favor divino, ao mesmo tempo que de humilde confusão pela sua indignidade para ser objecto de tão assignalada graça?

Ahi fica, porém, relatado como pude e soube. Oxalá a sua leitura logre convencer alguém do poder imenso da oração, e desvendar os olhos de algum de tantos operarios que hoje andam illudidos e allucinados por doutrinas subversivas e abominaveis!

A. MOREIRA BELLO.

A religião e a revolução

DESDE que o primeiro homem transgrediu os preceitos da lei de Deus, perdeu a graça divina que, até esse instante fatal para toda a humanidade, o amparava e fortificava em todos os actos da sua vida. Foi o peccado original a causa primordial de todo o mal presente, preterito e futuro.

A soberba, que já havia precipitado nas trevas do inferno Satanaz e os seus partidarios, foi ainda quem lançou nas trevas do erro o primeiro homem e com elle toda a sua descendencia.

O homem tão superiormente dotado pela infinita bondade de Deus creator, olhando para si e vendo-se tão vantajosamente collocado em relação a todos os seres que o cercavam, encheu-se d'orgulho, e, vaidoso de si mesmo, não se conhecendo, imaginou-se senhor absoluto de todo o universo; e, como tal, no caso de dar leis e não de receber-las, ainda que ellas provenham da auctoridade suprema! Desde este instante travou-se no coração do homem a lucta titanica entre o bem e o mal, lucta que infelizmente se prolongará até á consummação dos seculos.

Em todas as edades da humanidade se tem manifestado, debaixo de varias formas, essas luctas; umas vezes mais accêsas, outras mais moderadas; mas sempre persistentes e ininterruptas.

Todas as vezes que o espirito do bem tem dado provas de desfalecimento no coração do homem, nota-se sempre uma recrudescencia do mal; o que mostra que o mal é uma força permanente que nunca deixa d'actuar no coração humano.

Actualmente manifesta-se a sua acção no meio social debaixo d'apparencias de philantropia e amor do proximo, para assim illudir as classes mais des-

favorecidas e mais ignorantes; sendo o seu principal empenho produzir na razão pouco esclarecida do povo a confusão de ideias, e, assim, privado do seu unico criterio seguro, a lei de Deus, não possa distinguir o bem do mal, e possa facilmente ser arrastado na corrente do erro e do vicio, consequencia fatal do desprezo ou esquecimento da suprema lei moral, o Decalogo.

O sophista moderno manifesta-se como protector dedicado das classes inferiores da sociedade, e novo Messias propõe-se libertal-as do jugo da infelicidade, por meio de systemas da sua invenção que hão de ter o condão de acabar com todas as desigualdades sociaes, e estabelecer na terra o reinado d'Astrea!...

O povo, naturalmente pouco esclarecido, facilmente dá ouvidos ás lisonjas fagueiras dos ciganos politicos, e se deixa levar na onda do erro.

De nada tem servido as catastrophes que, em todos os tempos, teem assolado a humanidade e feito retrogradar a civilisação, provenientes todas d'essa mesma origem, o desprezo da lei moral: a humanidade é incorregivel logo que lhe falte a graça de Deus.

O homem é naturalmente teimoso e cabeçudo, e confiando de mais na sua razão, nunca se confessa vencido. E' sempre a ignorancia de si mesmo, a causa de todas as desordens sociaes.

Timor Dominus initium sapientiae, diz a Verdade Eterna, que se não engana nem engana os outros; e, *nosce te ipsum*, afirma a sabedoria humana por bocca d'um dos mais famosos philosophos da antiguidade, Platão. Só a graça de Deus, que é a verdadeira luz, será capaz de illuminar a razão do homem a ponto d'elle se poder conhecer a si mesmo, e assim poder estender os seus conhecimentos ás coisas que estão fóra de si.

Fóra d'estes principios tudo são trevas, tudo são erros. *Qui sequitur me, non ambulat in tenebris, sed habet lumen vitae*, assim fala o Auctor de toda a sabedoria; mais diz a sabedoria infinita: *vanitas ergo vanitatum, et omnia vanitas, praeter amare Deum, et illi soli servire*. Logo, dizemos nós, só no temor de Deus, na crença e fé religiosa, podemos encontrar a luz da verdade, que guia o homem ao seu supremo destino; e achar a fonte pura d'onde mana a flux a agua cristalina, unica capaz de saciar a sede ardentissima que consume o coração do homem na sua aspiração constante para o bem.

De tudo isto conclue-se com todo o rigor logico, que todas essas theorias revolucionarias são o producto de cogitações de cerebros enfermos, que se não conhecem pela falta da graça de

(1) L. III, c. LIX, 3.

Deus e tudo são vaidades e trevas sem resultados praticos. São tudo isto verdades confirmadas pelos factos.

PLACIDO DE VASCONCELLOS MATA.

Philosophismo!

PHILOSOPHO no verdadeiro sentido quer dizer amigo da verdade; philosophismo significa a verdade trahida por um espirito enganador e afastado do caminho recto. Um philosopho que o é só busca servir a verdade e combater o erro. A philosophia, que é mestra e guia, encerra principios e regras a que não é possível fugir, pois que se não foge ao que se agarra sem remedio. O philosophismo é uma artimanha pela qual se procura illudir com sophismas, e os sophismas são antithese da verdade. Pelo philosophismo tem-se procurado fazer uma philosophia filha do homem para se oppôr á verdadeira philosophia que é filha de Deus. Houve philosophos antigos, como Platão e Aristoteles, que se aproximaram da inteira verdade, e Aristoteles tanto se aproximou que a philosophia de S. Thomaz de Aquino é dita philosophia aristotelica baptisada, tal foi a aproximação de Aristoteles da completa verdade. A philosophia de S. Thomaz de Aquino junta ao seu rigor de verdade um rigor no deduzir que faz o triumpho da escola do syllogismo ou escola escolastica, da qual o modernismo ousa escarnecer em sua ignorancia e perversão atrevidas. Modernismo e philosophismo são synonymos, embora haja quem diga que não ha synonymos, aliás não sendo d'esta opinião o sabio Dom Frei Francisco de S. Luiz, que foi Cardeal Patriarcha de Lisboa. O philosophismo é formado d'uma massa de talentos mais ou menos incorrectos e estragados e sob impulso da soberba.

O philosophismo é um bom amigo de todas as fraquezas humanas; estas são sempre apanagio da razão revolta e assim o espirito declarando-se independente de toda a subordinação moral. O philosophismo produziu o racionalismo, se é que não são synonymos; mas conservemos-lhe a genealogia. Na França e ainda mais na Allemanha o racionalismo tem feito os maiores estragos; na França é mais ligeiro, na Allemanha usa de oculos. Os encyclopedistas atravessaram o Rheno e acharam hospedagem na vastissima região da Europa, onde a miopia é mais geral, embora o grande numero de allemães que vêem recto e claro. A irrectidão e fraqueza dos governos deram animo, quando não ajudaram, á maçonaria, e esta

encontrou os bons officios do philosophismo e hoje vemos a sociedade nas garras demonicas. O philosophismo tem um contrario que elle não pôde vencer e consiste na philosophia de S. Thomaz de Aquino, cuja invencibilidade foi reconhecida pelo proprio Lutero, que em tal ponto foi verdadeiro, e assim teve n'isto auctoridade; porém immensamente maior é a de Sua Santidade Leão XIII, que em seus sapientissimos esforços tem procurado restabelecer no orbe o reinado da philosophia do grande aquinatense doutor Angelico! O philosophismo é um nascido morto, galvanizado por sophismas que são desfeitos pela sã philosophia e por esta anniquilados. O philosophismo tem por origem intelligencias degeneradas e corrompidas, a verdadeira philosophia tem por origem Deus! O philosophismo está com relação á verdadeira philosophia como está o erro relativamente á verdade. O philosophismo só proporciona ao homem condições de perdição, pois que o engana e do modo mais desastroso, pois que é uma teia de caçada diabolica; calça luvas brancas, porém estas estão envenenadas como envenenado é o seu espirito. O philosophismo é uma moeda falsa para comprar, por contrabando, intelligencias; é elle um erro!

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

A verdadeira Bernadette de Lourdes

POR

MONSENHOR RICARD, PRELADO DOMESTICO
DE SUA SANTIDADE

Cartas ao sr. Zola

(Continuado de pag. 189)

IX

Prova dos milagres — Injurias — As objecções — Scepticismo medico do sr. Zola — A competencia dos medicos — A verdadeira questão — Golpe certo — Uma cura subita que preoccupou o sr. Zola — Vãos esforços — Eis a louca!

Vejam, EX.^a deixou escapar algumas palavras assás justas, que vou archivar:

«Emfim,—diz v. ex.^a,—a Santissima Virgem intervinha em favor dos desesperados, forçando a natureza madastra a ser justa e caridosa. Era o novo reino da omnipotencia divina que destruiu as leis do mundo para felicidade dos enfermos e dos pobres. Os milagres multiplicavam-se, brilhavam cada vez mais extraordinarios, como provas inegaveis da veracidade de Bernadette.» (Pag. 112).

V. ex.^a insiste n'isto e faz até, n'um tom algo ironico, uma alegre enumeração d'essa série de prodigios que tornaram celebre a peregrinação de Lourdes. (Cap. IV).

Mas a illusão, senhor, não podia subsistir.

V. ex.^a invoca forças mal estudadas ainda e até ignoradas: entusiasmo, auto-sugestão, commoção preparada com antecedencia; arrebatamento produzido pela viagem, orações e canticos; exaltação crescente; e sobretudo o proprio curador, o poder desconhecido que agitava as multidões, na crise aguda da fé.

Tudo isto é mui grave, senhor, e v. ex.^a devia ter hesitado um pouco, na minha opinião, antes de escrever estas palavras um pouco injuriosas:

—Forças ignoradas!

—Os Padres aproveitando a ignorancia!

—Os medicos sem genio!

—As testemunhas apaixonadas!...

E mais, muito mais do que isto se permittiu v. ex.^a escrever. Se alguém, respondendo a v. ex.^a, usasse de represalias, não se poderia desculpar com as palavras anteriormente escritas por v. ex.^a?

—Conto da carochinha!

—Feticchismo barbaro!

—Simonia!...

O crime de Simão, auctorizado pela Egreja, commettido abertamente por essa multidão de Padres, de Bispos, de Cardeaes, ás vistas de Pio IX, de Leão XIII, com consentimento d'esses dois grandes Papas! V. ex.^a reflectiu bem? E v. ex.^a nos julgaria dignos de censura se experimentassemos indignação ao lêr semelhantes accusações sahidas da sua penna!...

Mas não, se até aqui creio ter abafado em minha alma toda a vivacidade, mesmo com a convicção de que v. ex.^a melhor e mais do que nenhum outro a saberia desculpar partindo d'um coração provençal, volto tranquillamente e de boa fé á discussão, para a qual v. ex.^a me chamou.

V. ex.^a disse melhor do que julgou dizer.

Os milagres de Lourdes são uma prova inegavel da veracidade de Bernadette e por consequente da verdade das aparições.

Não foi v. ex.^a o primeiro que o verificou.

A' falta de genio, que é raro até na Academia de Medicina, ha medicos de talento, saber e consciencia, e são numerosos os medicos que reúnem essas qualidades e que concluíram d'este modo, em 1858, com o dr. Vergez:

«Desde 25 de fevereiro de 1858, dia em que, sob a mão de Bernadette, a agua tinha começado a brotar a princi-

pio, a jorrar em seguida do fundo da Gruta, mais de trinta annos se passaram, e, desde então, as curas mais extraordinarias se tem produzido em torno d'essa fonte, ao contacto d'essa agua bendita.

«Essas curas assombram egualmente pelo seu numero, já incalculavel; pela sua continuidade, que faz d'ellas os anneis ininterruptos d'uma longa cadeia, estendendo-se até nós; pela violação, pela subversão completa de todos os methodos therapeuticos; por essa especie de desdem com que se riem da antiguidade e da resistencia do mal.

«Ha certamente uma força superior áquellas que tem sido repartidas pela natureza, uma força estranha á agua de que ella se serve para as manifestações do seu poder.»

Conheço as objecções. V. ex.^a quiz, porém, resumil-as, collocando-as na bocca d'um medico com uma habilidade cheia de artificio.

Com semelhante scepticismo, torna-se difficil a discussão.

Não creio, comtudo, que elle seja tão absoluto em v. ex.^a, como parecem indicar as objecções do seu heroe.

«Comnosco,—diz o dr. Boissarie,—o snr. Zola não está precisamente no seu elemento. Comtudo, se quer que os milagres sejam verificados scientificamente, deve admittir, em principio, que os medicos são competentes na materia, e que se não podem pôr em duvida os dados mais incontestaveis da nossa arte. Não se pôde recusar-nos o conhecimento d'uma doença de peito no seu ultimo periodo, e notar em cada doença o que parece ultrapassar as forças naturaes.»

Ora, v. ex.^a não deixou certamente de lêr as declarações d'um medico, aliás muito hostil, portanto pouco suspeito.

Foi o dr. Diday, o mesmo que sem duvida levou v. ex.^a a não vêr em Bernadette «senão uma enferma, uma alucinada, uma creança meio inconsciente, incapaz de querer», que escreveu:

«Confesso, e não me custa repetil-o, que as curas são surprehendentes, extraordinarias, ultrapassando, o muito, o que nós, os medicos, costumamos observar e principalmente obter. Evidentemente ha ahí qualquer coisa com que assombrar os espectadores mais instruidos, e declaro-o sem pensamento reservado. E comprehendo perfeitamente a estupefacção das testemunhas, o reconhecimento dos felizes privilegiados.»

Sobre este assumpto, o snr. Artus, em polemica com o dr. Diday, escreveu o que eu posso responder a v. ex.^a:

«Pois bem! Sim, senhor, reconheço tanto mais a competencia d'um medico, quando se trata de verificar a realidade de material d'um facto, quanto nego a do livre pensador. Não é que eu não

considere o livre pensador como dos mais intelligentes. Elle é muito habil, habilissimo até. Mas conheço este phenomeno do philosopho anniquilando o sabio, e do livre pensador suffocando o medico, phenomeno que se tem dado n'um grande numero dos collegas de v. ex.^a.

«Sem duvida, em Lourdes nem todas as curas são impossiveis á medicina. Mas, affirma-se a maior parte das vezes que só os doentes affectados de perturbações funcioneaes ou nervosas pôdem experimentar uma commoção salutar, e que os outros, victimas d'uma illusão passageira, não colhem nunca um beneficio perduravel da sua peregrinação.

«Na verdade, em Lourdes encontram-se curas de todas as especies de doenças. Ha curas de doenças organicas, de tumores, de chagas, e, para esses factos, não se pôde encontrar uma explicação natural.»

Além d'isso, a questão não está no terreno em que v. ex.^a a colloca, diz o snr. Boissarie.

«Não se trata de provar, com effeito, se algumas observações, accentuadas no numero das curas de Lourdes, pôdem accommodar-se a uma explicação scientifica. A tal respeito estamos todos perfeitamente d'accordo.

«Trata-se de estabelecer se, entre essas curas, ha um certo numero, cem, vinte ou dez, pouco importa, se ha mesmo uma só, que apresente provas irrecusaveis d'uma acção sobrenatural. Trata-se de saber se nós podemos chegar á demonstração scientifica do milagre. Não é uma questão de numero, mas uma questão de principio. Poder-se-ha levantar contra nós todos os erros d'observação que quizerem; não serem alcançados, se, por um só exemplo claro, preciso, indiscutivel, mostrarmos que todas as leis physiologicas admittidas são destruidas, e que os resultados obtidos estão absolutamente fóra da alçada das forças physicas, taes como nós as conhecemos.

«A historia de Lourdes não é uma piedosa lenda. Para a reduzir a pó não basta demonstrar que alguns factos tem sido mal interpretados. E' um estudo que encerra graves ensinamentos e que se impõe á consideração de todos os homens sinceros.»

Durante o tempo que v. ex.^a esteve em Lourdes, receberam-se alli duas cartas d'um pratico distincto, nas quaes v. ex.^a era pessoalmente visado. Permitta-me que lh'as apresente. Na sua primeira carta o doutor belga, que as escreveu, diz:

«Pedro de Rudder fez no seu trabalho uma fractura comminutiva da tibia e do peroneo direito. A perna foi-lhe esmagada sob um tronco d'arvore que

dosabara sobre elle. Os fragmentos eram tão numerosos: que, sacudindo os membros, se ouviam todos os ossos entrechocando-se como um sacco de avelãs. A consolidação jámais se podera fazer. Debalde o snr. conde Dubus o teve em tratamento durante seis annos. Condemnado e abandonado, este homem tinha chegado ao desespero, quando tive occasião de lhe examinar a perna. Não é preciso uma longa descripção: a metade inferior com o pé balançava literalmente na estremidade do membro, de maneira que podia fazer descrever ao calcanhar mais d'uma volta sobre o eixo do membro. Este movimento não tinha limite senão na torsão dos tecidos molles. Depois da sua peregrinação, a consolidação tornara-se completa.»

Na sua carta de 3 de setembro, o mesmo medico acrescentava:

«Quando Pedro de Rudder partiu em peregrinação, havia oito annos que arrastava a perna e que andava a muito custo apoiado a duas muletas. O terço inferior da perna e o pé pendiam como um farrapo.

«Pedro voltou na mesma tarde sem muletas e dançando; desde então percorreu muitas leguas a pé, feliz com esse exercicio de que estivera privado durante tanto tempo.

«Naturalmente fui vel-o e devo dizer-lhe que não acreditava n'essa cura. E que encontrei eu? Uma perna á qual nada faltava; se eu não tivesse examinado antes aquelle infeliz, teria certamente manifestado a convicção de que essa perna nunca tinha sido quebrada.

«Effectivamente, passando os dedos vagarosamente sobre a saliencia da tibia, não se sente a menor desigualdade, mas uma superficie perfeitamente lisa d'alto a baixo. Tudo o que se descobre são apenas algumas cicatrizes á superficie da pelle.»

Ao terminar a sua carta é que o doutor dirigia directamente a v. ex.^a este certo golpe:

«Esta carta irá encontral-o talvez em entrevista com o snr. Zola. Se tal se der, ser-me-ia agradavel que elle lesse essas poucas linhas, e me permitisse dizer-lhe estas palavras: «Senhor, eu fui um descrente, como v. ex.^a: o milagre de Rudder abriu-me os olhos, até agora fechados á luz.»

«A duvida assaltava-me ainda algumas vezes, mas comecei a estudar a religião christã e a orar. Pois bem, declaro-o sob palavra de honra, não tenho a menor duvida, creio absolutamente e acrescentarei que com a creança tenho encontrado a felicidade, uma tranquillidade interior que nunca tinha conhecido. Acrescentarei ainda que essa perna é muito curiosa para ser examinada por alguém que tenha visto consolidações de fracturas. Evidente-

mente a Santissima Virgem não cura, como o faz a natureza, por mais auxiliada que seja.

«Pedro de Rudder mora entre Bruges e Ostende. Se alguém o quizer examinar, elle se mostrará voluntariamente n'uma d'essas duas cidades, e pela minha parte encarregar-me-ia gostosamente de o acompanhar.»

V. ex.^a parece contudo estar particularmente preocupado com um d'esses factos miraculosos, inexplicaveis á sciencia, de cura instantanea. Sente-se que esse facto lhe opprime o coração e o atormenta. E' debalde que v. ex.^a faz por sua causa uma scena ridicula.

Que torturas v. ex.^a tem infligido a si mesmo para tirar á cura de Clementina Trouvé—é este o verdadeiro nome da sua Sophia—um caracter tão nitidamente sobrenatural! A ironia forçada, em que v. ex.^a envolve a sua narração, dá o commentario mais eloquente ao testemunho do dr. Boissarie, o primeiro impressionado, como todos os seus leitores, pela preocupação visível em que lançou a v. ex.^a este facto, este simples facto, tantas vezes renovado em Lourdes e sobre tantos aspectos não menos sinceros.

«Quando mostrei Clementina Trouvé ao snr. Zola,—dizia-lhe eu que esta menina tinha chegado a Lourdes com uma cárie dos ossos do calcanhar, que datava de tres annos. Clementina mergulhou o pé na piscina e alli, n'alguns segundos, operava-se uma cicatrização instantanea e completa.

—Mas, se eu tivesse na mão a demonstração que o snr. julga ter,—me respondeu Zola,—quereria agitar o mundo e trazer aqui as multidões.

Pela janella entreaberta do escriptorio viamos vinte ou vinte e cinco mil almas aglomeradas nas avenidas da Gruta.

—A multidão eil-a,—lhe disse eu.

—Sim,—me respondeu elle,—mas eu quero dizer a multidão intelligente.

A multidão intelligente não existe no sentido exclusivo da palavra; quem diz multidão, diz elemento mixto, e a proporção dos homens intelligentes nas multidões de Lourdes é talvez superior ás médias admittidas.

Tomem-se vinte ou trinta mil homens nos bairros de Paris, cidade civilisada entre todas, e veremos se podemos encontrar em egual proporção homens instruidos, membros das nossas grandes administrações, professores das nossas escolas e das nossas Faculdades.

Não se pôde ter razão contra todo o mundo e diante d'essas manifestações que crescem todos os annos, tenha v. ex.^a cuidado de que o bom senso publico não triumphe das suas frageis theorias, não o deixe isolado nas suas concepções, não faça uma luz brilhante

em torno d'essas questões, que v. ex.^a não quer conhecer.

Nada é tão brutal como um facto; em presença d'essas curas que se renovam todos os dias, ha trinta annos, não se pôde por mais tempo voltar a cabeça e falar-nos de Memphis ou de Athenas, quando se trata de Lourdes.

(Continúa)

SECÇÃO THEOLOGICO-MORAL

Actos da Santa Sé

Sobre a assistencia do confessor e do medico no logar do duello.

MENDO o Vigario Geral de Poitiers feito á Sagrada Congregação da Sagrada Universal Inquisição Romana as tres seguintes perguntas:

1.^a Se pôde um medico rogado pelos duellistas assistir ao duello para pôr mais depressa fim ao lance, ou simplesmente para curar as feridas, sem incorrer na excommunhão reservada ao Romano Pontifice *simpliciter*;

2.^a Se ao menos pôde, sem assistir ao duello, permanecer n'uma casa do logar immediato, disposto a prestar os seus serviços em caso de necessidade; e

3.^a Que se deve pensar do confessor nas mesmas condições: a dita Sagrada Congregação, discutidas com a devida madureza taes perguntas, opinou que devia responder-se:

A' 1.^a: Não pôde e incorre em excommunhão.

A' 2.^a e 3.^a: Se o fazem pondo-se d'accordo, tambem não podem e incorrem em excommunhão.

Resolve-se que os Beneficiados da cathedral, attendendo principalmente ao costume, estão obrigados a assistir aos Viaticos e enterros dos Conegos.

Suscitou-se uma questão entre os Capitulares e Beneficiados da cathedral de Lérida, porque aquelles sustentavam que os Beneficiados são obrigados a acompanhar o Sagrado Viatico aos Capitulares e o cortejo funebre, e os Beneficiados resistiam a isto. Levada a questão á Sag. Cong. do Conc. e allegadas ante ella as razões em pró dos Conegos e Beneficiados, propôz-se a questão nos seguintes termos: «Pergunta-se se os Beneficiados estão ou não obrigados a assistir aos Viaticos e funeraes dos Conegos», e a Sag. Cong.

em 16 de maio de 1885 dignou-se responder: *Affirmativamente, attendendo particularmente ao costume.*

DEDUÇÕES

1.^a Todas as jurisprudencias são conformes em affirmar que o costume immemorial constitue o melhor titulo do mundo.

2.^a O titulo produzido pelo costume vale para adquirir todos os privilegios conformes com o direito commum e recommendaveis em si mesmos, como os que são contrarios a elle.

3.^a Pelo que, não é d'estranyar que, no caso presente, o costume de larguissimo tempo fosse bastante para que os Conegos adquirissem um direito ou privilegio, que não só não era contrario ao direito commum, mas que era conforme com elle e recommendavel em si mesmo.

4.^a Porque todos os obsequios prestados em virtude da multiplicação de actos ou por um costume inveterado, reputam-se como prestados por necessidade e coacção, ou, o que é o mesmo, pela mesma força do direito.

SECÇÃO LITTERARIA

O Monge

AO LAUREADO ESCRIPTOR CATHOLICO
SNR. DR. JOSÉ RODRIGUES COSGAYA, COMO PROVA
DE SINCERA ADMIRAÇÃO E ESTIMA

E' noite. Já dos céos o negro manto
'Scondeu os ultimos carmineos raios,
Que Phobo coruscante e magestoso,
Da empyrica mansão, mandava á terra.

A brisa tromulante grata embala
A folhagem virente ao sertanejo
E copado arvoredo, aonde plumbeos
E divinaes cantores amorosos
Trilavam, rutilando o sol, canção
D'amor sentimental. Agora só
Na floresta d'amores incorruptos
Gorgeios titubiados vão ouvir-se.

O arroio perto, dilatavel, brando,
Desliza manso em seu correr tão placido,
E longe o murmuro vae ledor unir-se,
Ao canto triste do nocturno mocho,
Que no alto cumo esteril da penella
Entre penhas terrificas habita.

O colico rocio cae sereno
Dos astros infinitos e mirificos
Sobre o caule mitnoso das florinhas,
Que recendem e aos céos enviam ledas
O magico perfume enebriante.

Na modesta choupana junto ao lar
Domestico, descança do louvavel
E continuo labor o t'no pae,
Ao pé a esposa, companheira forte
Nas lides laboriosas, om redor
Tiritando de frio, quasi nus,
D'almas uns pedacinhos tão mimosos
Como o lyrio jasmim ou inda a rosa.

*
* *

E' noite... e o silencio convida ao descanço
O pobre que um dia nas lides gastou ;
E' noite... e o silencio convida de manso
Orar pelos entes que a morte embalou.

E' noite... e esfuzia na torre altaneira
O vento sinistro com lubre estridor ;
Debaixo da copa de excelsa palmeira
Amparo ao mendigo Jesus foi depôr.

E o vento esfuzia!.. E as trevas fecundas
Envolvem no manto funerea mansão,
De peitos que as vallas encobrem profundas,
Suspiros se alastram no gelido chão.

Nos céos apagaram-se os astros brilhantes,
Tão bellos, tão puros, tão cheios de luz!
Na terra... na terra... vagueiam errantes
Medonhos phantasmas que a sombra produz.

Não!.. longe... lá longe, no céo purpurino
Estrella brilhante se vê radiar,
Aponta seu brilho, febril, peregrino,
Na serra de abrolhos, vetusto solar:

E' cella onde habita, sorrindo p'r'o mundo,
Pacifico monge, que vive feliz!
As brisas lhe levam, respiro jucundo,
Perfumes de rosa, jasmim e de liz.

Errante phantasma seus passos nefastos
P'r'o velho cubiculo já dirigiu,
Altivo caminha... nos campos tão vastos
C'o a ira dos ventos assim proferiu:

•Tufões me arrebatam... sem noite vagueio
•Levando tristuras e prantos sem fim;
•O livro fatal eu resando e eu leio;
•O sceptro da vida é só para mim!

•Meu throno firmado está no Universo,
•Meu reino é mais forte que de ouro o poder;
•O homem... o homem, em pó ou disperso
•Nos ventos fataes, se me causa prazer!

•P'r'a tumba funerea c'um sopro derroco
•As glorias e pompas de mundos reaes;
•Na peste e na guerra o possante suffoco;
•São folhas d'outomno — dragões infernaes!

Altivo prosegue: •Invocada na lucta,
•Que trega existoella depara, eu sou;
•Saudada com prantos!.. e o mundo me imputa
•De vil e traidora!.. Um suspiro exhalou.

•Ensembro com luto a choupana do pobre,
•Ensembro com luto palacios reaes...
Calou-se o phantasma, já perto descobre
O velho conobio no meio de urzaes.

Seguindo a rotina... já perto... bem perto:
•Poder foi-me dado!.. por ultimo diz;
Da cella aos umbraes terminou descoberto
Os ultimos passos da lido infeliz.

A lua sombria, nos astros revoltos
Seu triste pallor, vigilante, occultou;
P'las cryptas dos montes, nas trevas envoltos,
Senteça iracunda o cruel retumbou:

•Não hajas de mim, impoluto vivente,
•Na tua soldão, estupenda pavez;
•Consoles vou dar-te, sorri-te conteate:
—•Findaram teus dias!.. ainda não vés?!...

...perdão!.. lá se ouviu na eremitica cella,
E' voz do constricto, supplica-a dos céos;
Um anjo ridente su'alma lhe vola,
Su'alma tão pura e tão q'rida de Deus.

Caido por terra, suor copioso
A fronte lhe banha em momentos do dôr;
Seus labios galados no calix d'loroso
Repotem na angustia: perdoae-me Senhor!..

•Eu longe do mundo e no mundo sósinho
•Agruras na vida sómente colhi;
•E tu... lá dos céos, o teu doce carinho
•Mandavas ao monge que pulsa por ti.

•Gelada roupagem cobriu no rigor
•Do inverno tremendo meu corpo senil;
•Por fogo só tinha, bem hajas Senhor,
•O fogo dos pobres, clemente flexil.

•Bem hajas, bem hajas, que ao monge mandaste,
•N'um mundo de trevas, brilhante pharel;
•Bem hajas, bem hajas, que o pobre fitaste
•Com raios perennes do mago arrebol.

•A morte não temo, anhelado consolo
•Aos prantos que a vida me faz derramar...
E torva agonia cruciante depol-o
Em lucta com ella... com ella a clamar:

•Agora que jazo no tredo momento
•Ajuda, Senhor, supportar minha cruz;
Perdão para o monge... convulso, estupento,
Com dôr tão atroz balbucia: JESUS!

Gemeram os ventos nas urzes campestros;
Echoaram suspiros e prantos além;
Só feras medonhas, nos bosques silvestros,
Quebraram silencio, que a serra contem.

E as aves nocturnas, em volta, seus cantos
Do funda tristeza fizeram ouvir;
As brisas levaram os tetricos prantos
Do monge que a vida passou a capir.

A estrella sumiu-se; não mais na montanha
Se viu resplendente, nocturna brilhar!..
Phantasma era a morte, que a negra façanha
Cantava depois no vetusto solar.

Passados momentos, além nos pinhaes,
A aurora brilhava com mago clarão;
Na cella jazia nas lagoas feras
O monge funereo c'um Christo na mão!..

1895

M. FERNANDES SOLARIANO.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Assassinato de Emiliani e sua mulher e de Lazzoneschi

(Vid. pag. 195)

Trata-se d'um duplo homicidio, cometido pela Franc-Maçonaria no dia 31 de maio de 1834, em Rodez (França).

Emiliani, Scuriatti, Lazzoneschi e Adriani, italianos, estavam emigrados em França. Como muitos dos seus compatriotas, filiarão-se na maçonaria, onde chegaram ao grau de mestres, sendo também enfileirados na Maçonaria Florestal, que pertence ás ante-lojas da maçonaria.

O que ali viram, não lhes agradou: demittiram-se. Emiliani e Scuriatti, quando se retiraram, explicaram a sua despedida d'um modo significativo. A loja ficou alarmada, porque lhe pareceu que estes irmãos eram perigosos. Escreveu-se a Mazzini, que então estava em Genebra, e dirigia a acção das ante-lojas e das vendas. Mazzini foi a Marselha, reuniu os irmãos de graduação mais elevada e constituiu-os em tribunal secreto. Presidiu á sessão o proprio Mazzini, tendo por secretario o Irmão La Cecilia.

Os quatro italianos tinham ido para Rodez. Foi decidido que dois d'elles fossem assassinados, por se terem manifestado mais ruidosamente, e que os outros dois desaparecessem por meios menos expeditos.

Para fazer suppôr que se tratava de uma vingança particular, os dois desgraçados deviam ser feridos por italianos.

Pouco depois, Emiliani, passando por uma rua de Rodez, é assaltado por seis compatriotas seus, e recebe grande numero de facadas. Emiliani não morreu.

Foram presos os assassinos e julgados, sendo condemnados a 5 annos de prisão.

Emiliani, ainda muito doente, foi ao julgamento, acompanhado de sua mulher. Sahindo da audiencia, entrou n'um café com sua mulher e o seu amigo Lazzoneschi. Apenas se sentaram, entra um desconhecido, que se lança a Emiliani sem proferir palavra e lhe embebe um punhal no peito; com outra punhalada estende Lazzoneschi, e como



SANTA THEREZA DE JESUS, VIRGEM
E FUNDADORA

a esposa de Emiliani viesse em auxilio do marido, prostra-a com duas punhaladas. O assassino foi perseguido e preso.

O tribunal procede a cuidadosas averiguações e vem ao conhecimento do celebre julgamento do tribunal secreto de Marselha. Este documento ainda ha pouco existia no tribunal de segunda instancia de Montpellier.

Os tres feridos succumbiram.

O assassino, chamado Gaviol, foi executado. Era antigo maçon. Em Marselha recebêra o 30.º grau hierarchico da sociedade, que confere o titulo de Cavalleiro Kadosch, que são os encargados das vinganças maçonicas.

Santa Thereza de Jesus, virgem e fundadora

(Vid. pag. 203)

Nasceu em Avila, cidade de Castella a Velha, a 12 de março de 1515, esta santa, que foi a maravilha do seu seculo.

Ella e seu irmão Rodrigo, pouco mais edoso que ella, começaram de tenra edade a lêr as historias e vida dos santos, sobretudo as das donzellas que derramaram o seu sangue por Jesus Christo; e tanta impressão fizeram nos seus juvenis corações estes exemplos, que ambos resolveram fugir secretamente de seus paes e dirigir-se a terra de mouros em busca do martyrio. Thereza tinha então sete annos e seu irmão dez. Iam já a caminho quando os

encontrou um seu tio, que os trouxe para casa.

Aos doze annos, Thereza perdeu sua mãe, e, abandonando então a leitura de livros piedosos, começou a lêr romances, nos quaes hauriu a inclinação ás galas, a sobresaír e a brilhar. Aos quatorze annos travou relações com um seu parente, que pôz em grande perigo a sua innocencia. Seu pae, vendo que lhe esfriára a piedade, metteu-a como secular n'um convento d'Agostinhas.

Estava duvidosa sobre a escolha do estado, ou de casada, ou de religiosa, quando a assaltou grave enfermidade, sahindo então do convento para se curar.

Escolheu, por fim, ser religiosa, e entrou para o convento das Carmelitas de Avila a 2 de novembro de 1535, aos vinte annos d'edade. Apenas recebeu o habito de religiosa, sentiu o coração abrazado nas chammas do

puro amor. Cilícios, disciplinas, jejuns, nada era bastante para saciar a sua alma. Estas austeridades alteraram-lhe a saúde, delicada por compleição.

Saiu do convento e esteve fóra d'elle tres annos. Voltando ao convento, occupava o tempo no côro e locutorio, a falar com as pessoas que a visitavam, mas não tardou a desgostar-se do primeiro, dispensando-se da maior parte dos exercicios da communitate.

Por esse tempo leu as confissões de Santo Agostinho e esta leitura foi o começo da sua perfeita conversão.

Então Thereza foi elevada a um grau mui sublime de contemplação.

Mas o Senhor quiz tentar-lhe o coração com uma prova acerba, permitindo que os seus confessores a desapprovassem, tratando d'illusão os favores que ella recebia do céu.

Chegou por esta occasião a Avila S. Francisco de Borgia, a quem Thereza consultou, e que lhe respondeu sem hesitar, que tudo o que ella sentia era verdadeiramente obra do Espirito Santo.

Como Thereza estava abrazada no amor divino, começou a desgostar-se da vida mitigada do seu convento. Falando um dia com uma sua sobrinha e com uma religiosa sua amiga, disse-lhes, rindo, que não gostava da vida d'aquella casa: «Pois retiremo-nos as tres, — disse-lhe a sobrinha — e comecemos uma norma de vida mais estricta, para o que offereço já trinta mil ducados.»

Uma dama de muita virtude confirmou-a no mesmo pensamento, obrigando-se as quatro a leval-o por deante, depois que Nosso Senhor declarou a Santa Thereza que a tinha destinado para fazer essa reforma.

Comprou uma casa para dar principio á reforma, mas teve de sobrestar na empresa, apezar de ter por si o Papa, o Bispo d'Avila e o seu proprio Geral, por causa das queixas do seu convento da Encarnação.

Pio IV mandou-lhe o Breve para fundar a reforma e então entrou para o seu novo convento, a que deu a invocação de S. José. Fez esta fundação a 24 d'agosto de 1552.

Pôz por fundamento da sua regra o exercicio da oração, acompanhado da mortificação dos sentidos. Estatuiu a mais estreita clausura, fechou os locutorios, prohibiu o trato com as seculares e limitou a conversa com as monjas entre si.

Em menos de doze annos, Santa Thereza fundou 15 conventos.

A reforma nos frades não lhe custou menos; mas conseguiu-a.

Não houve Santa mais illustrada nos caminhos de Deus, nem que possuisse

a sciencia dos Santos em mais elevado grau de perfeição.

Depois de muitos trabalhos, entrou, em 1582, em Alba, oppressa e consumida de males. No dia de S. Miguel sobreveio-lhe um fluxo de sangue que lhe restituiu a calma.

Na vespera de S. Francisco pediu o Sagrado Viatico. Juntando as mãos, disse ás suas religiosas estas palavras: «Filhas minhas e minhas senhoras, peço-lhes pelo amor de Deus que observem com exactidão as regras e constituições, e que não ponham os olhos n'esta indigna peccadora; pensem sómente em perdoar-lhe.»

Recebeu a Jesus Sacramentado; e, recebendo depois a Extrema-Unção, repetiu muitas vezes estas palavras: «Eu sou filha da Igreja.» Abertos os olhos e pregados n'um crucifixo que tinha nas mãos, entregou a alma a Deus a 4 d'outubro de 1582, pelas 9 horas da noite. Tinha sessenta e sete annos d'idade, e vinte depois da reforma.

Santa Thereza foi beatificada em 1614 por Paulo V, e solemnemente canonisada em 1622 por Gregorio XV.

RETROSPECTO

Candidatos catholicos pelo districto do Porto

O Centro Catholico do Porto apresenta como candidatos pelo districto do Porto os ex.^{mos} snrs.:

*Padre José Joaquim de Senna Freitas
José de Saldanha Oliveira e Souza
D. Thomaz d'Almeida Manuel de Vilhena*

Qualquer d'estes nomes se recommendam por si mesmos.

Catholicos praticos, talentos brilhantes e consciencias impollutas, é d'homens d'esta tempera que nós precisamos no parlamento.

Se elles forem eleitos, a causa catholica terá na camara dos deputados defensores de pulso.

Catholicos do districto do Porto: — á urna pelos tres candidatos propostos pelo Centro Catholico do Porto!

Reunião do clero bracarense

No dia 8 do corrente reuniu em Braga, na capella da Lapa, o clero de Braga, alim de resolver qual a attitude que deve tomar nas proximas eleições.

Falaram diversos oradores; e, quanto não perflhemos em absoluto as ideias por alguns expendidas, não as discutiremos, porque reconhecemos que não é opportuna a occasião para isso. O que se precisa é d'união, e não

seremos nós que a quebraremos, n'um momento tão solemne como este.

A' reunião presidiu o rev.^o snr. Conego Moreira Guimarães, servindo de secretarios os rev.^{mos} snrs. Padre Francisco Macedo e Abbade de S. João do Souto.

O snr. presidente congratulou-se por vêr presente a mesma assembleia, que se apresentou ainda ha pouco para protestar contra os acontecimentos do dia 30 de julho.

Eucareceu a necessidade da união de todos para se oppôr uma crusada a essa corrente urdida nas sociedades secretas contra a Igreja e contra o clero. Referiu a maneira como se estão promovendo os enterros civis, casamentos etc., o que mostra proposito d'atacar a Igreja. Opponha-se, pois, um dique a tudo isso, por meio da união.

Usou depois da palavra o snr. CONEGO JOÃO NUNES DA COSTA. Disse que é necessario que o clero mostre vida e força contra a corrente do mal.

É necessario que o clero não fique só em protestos.

Deve-se protestar contra os revolucionarios, que atacam o clero e a ordem social. Deve-se protestar energicamente contra os nossos inimigos, que são a Maçonaria, o Jacobinismo e o Socialismo.

Unamo-nos como um só homem!

É necessario que se mostre a força do clero.

Não quer um partido catholico. Um partido catholico, disse s. ex.^a, é desnecessario e inopportuno! Alguns tem uma má orientação acerca do movimento catholico. Diz que deseja uma união das forças catholicas dispersas pelo districto. Essa união de forças terá por fim só promover os interesses da Religião e do Estado.

Acrescenta que as eleições de deputados se realisam no dia 17 de novembro. Entende que os catholicos se devem dirigir aos representantes do governo para que proponha para deputados homens de boas crenças e para lhe offerecer o seu apoio; que n'essa combinação se deve propôr ao governo um ou dois candidatos puramente catholicos para serem eleitos por aquelle districto e que lá no parlamento defendam a Igreja e a Patria.

Disse que no parlamento se encontram homens de boas ideias. E citou o illustrado Abbade de Maximinos, que se achava presente, e que já lá defendeu, e muito bem, as Ordens Religiosas, mas a verdade é que os deputados, como se tem visto, estão sempre sujeitos á tutela dos chefes politicos e só votam aquillo que estes lhes ordenam. Repete que não se deve fundar um partido catholico de opposição aos outros partidos. Não é necessario, como na

Allemanha e na Belgica, esse partido. Deseja, porém, a união do clero, dos leigos e de todos os homens que são dedicados á causa da Igreja e do Estado.

Concluiu propondo que uma comissão se entenda com o governo ou seus representantes, para se fazer um accordo.

Seguiu-se-lhe o snr. ABBADE DE MAXIMINOS. Diz que louva e applande e abraça a ideia da comissão promotora da reunião, enfim tudo o que disse o orador que o precedeu. E' necessario que as forças catholicas se façam conhecer. Foi a Religião que fez Portugal grande, e é a Religião que ainda o pôde levantar da decadencia em que se acha.

E' necessario que o clero accorde e se levante com o paiz inteiro. A grande maioria do paiz é catholica. Se temos sido atacados devemos-o attribuir á nossa inercia. Não pomos em acção o que sentimos no coração.

Lembrou que se encaminhem as forças catholicas para as obras praticas. Cada arciprestado terá a sua comissão sob a presidencia do respectivo arcipreste, cada parochia a sua sub-comissão sob a presidencia do parochiano. Este chama a si todos os seus parochianos de boas intenções e assim se formam bons membros da união catholica. A comissão do arciprestado entende-se com a comissão diocesana, etc.

O orador falou largamente concluindo por dizer que se devem organizar todos os trabalhos no mais curto praso de tempo.

O rev.^{mo} snr. DR. JOAQUIM DOMINGUES MARIZ diz que os oradores que o precederam haviam dito o que elle tinha ideia de explanar. Diz que o nosso maior mal é a licença, a liberdade de tudo se dizer e escrever.

A sociedade está abalada até aos alicerces. A auctoridade, a religião, a familia, tudo é atacado. Attribue isso á má imprensa, que se espalha aos milhares. O nosso mal vem todo d'essas sociedades secretas e da má imprensa. Opponhamo-nos a ellas com a nossa união, porque se o não fazemos, seremos as primeiras victimas da revolução.

Façamos uma reacção completa. Fugamos do mal. Não ajudemos a má imprensa, que é o nosso maior inimigo. O bem da Igreja ha-de preparar-se com a nossa união, e portanto sigamos.

Se nos não unirmos, nada conseguiremos.

Falou depois o snr. D. THOMAZ DE VILHENA ácerca do movimento catholico, que disse teve inicio no Congresso Catholico de Braga.

S. ex.^a referiu-se ao clero parochial

e disse que este tinha força para fazer tudo o que necessario se tornasse para o bem da Igreja e da patria.

Seguiu-se o rev.^{mo} sr. ADRÉ JOÃO ROBERTO MACIEL que falou largamente ácerca da acção da Igreja e dos ataques de que ella é victima. Occupou-se do movimento catholico. S. rev.^{mo} propoz a seguinte comissão para redigir um programma, que será dirigido a todo o clero:

Conegos Moreira Guimarães, e Nunes, drs. Mariz e Nepomuceno Pimenta, abbade de Maximinos, Pinheiro Torres, Antonio Brandão, Padres Luiz Gomes da Silva e Roberto Maciel, Manoel Ignacio da Silva Braga e Domingos José de Souza Guedes.

O snr. presidente agradeceu a comparencia de todos os sacerdotes.

Protesto d'um Bispo catholico

Monsenhor O'Duyver, Bispo de Limerick, na Irlanda, lavrou um energico protesto contra o procedimento do embaixador inglez em Roma, que, cumprindo sem duvida ordens do seu governo, arvorou na legação a bandeira britannica por causa das festas sectarias de 20 de setembro.

Ainda as festas de 20 de setembro

Chamou a attenção em Roma não vêr o general Cadorna, heroe principal do 20 de setembro de 1870, que, vivendo longe da capital, não se deu ao incommodo de vir presenciar as festas. E não só n'este proceder do general, mas nos resentimentos do exercito, ao vêr as honras tributadas á maçonaria, se conhece que os soldados merecem menos considerações ao governo de Crispi do que os alistados nas lojas. Ha quem diga que se buscava o dinheiro dos veteranos e se pensava mais nos gastos que podessem fazer em beneficio do commercio do que na sua presença.

E' grande a ingratição da preferencia aos mações, que são os primeiros que fogem do campo de batalha.

O Vigario apostolico da Patagonia meridional

Chegou a Roma e foi recebido em audiencia pelo Santo Padre o Vigario apostolico da Patagonia meridional e Terra do Fogo, Monsenhor João Magno, da Congregação dos Salesianos.

A jurisdicção do vicariato apostolico da Patagonia meridional estende-se sobre uma população de 8:000 habitantes.

Os catholicos são em numero de 3:500, os protestantes de 800; os restantes habitantes são indigenas idolatras.

Já ali se erigiram cinco egrejas,

tres das quaes parochias. Os sacerdotes missionarios da Congregação Salesiana são 10, com 9 irmãos leigos. Ha tambem, para a direcção das escolas femininas e dos institutos de caridade, 12 Irmãs da Congregação de Maria Auxiliadora.

Ha 4 escolas elementares catholicas para meninos e 4 para meninas; ha tambem duas escolas superiores para rapazes e duas para raparigas.

Os democratas belgas

Na cidade de Boeulx celebraram-se a assembleia geral do partido catholico democratico belga com um numeroso concurso de membros do clero e notabilidades e representantes do partido.

Foram pronunciados numerosos discursos entre as aclamações da multidão.

Antes de se separarem os 2:000 congressistas, redigiu-se uma mensagem ao Bispo de Tournai dando-lhe conta da attitude que se propõe seguir o partido, e que não é outra senão a aconselhada por Sua Santidade Leão XIII nas suas Encyclicas sobre a questão social, ouvindo docilmente os seus conselhos e evitando os escolhos que lhe foram apontados ultimamente para bem do povo e defeza da Igreja.

Esta manifestação, em que tomaram parte mais de 2:000 pessoas, demonstra a união e importancia que conseguiu nos ultimos mezes o partido democrata do centro.

Peregrinos Italianos

Chegaram a Paris uns 300 peregrinos italianos que regressaram de Paray-le-Monial e visitaram Nossa Senhora das Victorias. O circulo catholico de Luxemburgo obsequiou os peregrinos com um banquete. Estes visitaram depois a Basilica do Sagrado Coração e obsequiaram o snr. Nuncio e muitas notabilidades catholicas com um banquete.

Uma anecdota de Pasteur

O illustre e sabio Pasteur, que acaba de fallecer em Paris, assistia ha dois annos com o seu amigo, o parochiano de Garches, á distribuição dos premios das escolas municipaes.

A eloquencia official corria a jorros e os diversos oradores respeitaram escrupulosamente o que se convencionára chamar na visinha Republica a «neutralidade».

—Que dêr v. rev.^a haveria de experimentar,—disse Pasteur ao veneravel sacerdote—assistindo a uma cerimonia d'este genero sem ter ouvido pronunciar uma só vez o santo nome de Deus! Eu tambem a experimento

como vós, porque a escola sem Deus parece-me uma monstruosidade.

E' sabido que Pasteur era, não só um christão convicto, mas um catholico fervoroso, do que deu provas nos derradeiros momentos da vida, morrendo com todos os sacramentos da Igreja e assistido d'um sacerdote.

Os missionarios na China

A *Pall Mall Gazette* publica um telegramma do seu correspondente em Sanghai, no qual diz que a Inglaterra se resolveu finalmente a trabalhar seriamente na protecção dos seus missionarios. Cinco navios de guerra se encontram em Yan-Kiang e sabe-se que outros quatro selhes irão juntar.

Uma auctoridade com juizo

Duas obras dramaticas impias estão dando volta á península italiana. São: *Christo na festa de Turim* e *S. Paulo*, ambas de Bovio, deputado ao parlamento italiano. Ao chegarem, porém, a Genova, o governador civil, assumindo uma attitudé contraria aos seus collegas, prohibiu, sob as mais severas penas, que ambas as peças se representassem, determinação que tem sido muito elogiada pelos diarios catholicos.

O «Times» e a questão romana

Este importante jornal inglez publicou um artigo em que se occupa da resistencia que o Pontifice oppõe á destruição do poder temporal.

Começa por fazer observar que a muita gente surprehende que o Papa persista na sua opposição á Italia, ao passo que chegou a uma conciliação com a Allemanha e a Russia.

«A nós, inglezes,—diz o *Times*— não é facil comprehender as razões que

determinam esta attitudé; «o Pontificado deve ter em conta e calcular o sentimento geral de todo o catholicismo», porque «desde os primeiros seculos da Edade Media o *Papa Rei* tem sido o symbolo vivo e centro visivel do catholicismo.»

Depois observa: «Até quando o Papa se encontrava fóra de Roma, ora em Avinhão, em Saboia ou em Fontainebleau, o mundo catholico reconhecia e sabia que Roma era sempre o *legitimo territorio do Papa.*»

Mais adeante, o mesmo jornal diz que «o poder temporal é uma encarnação tangível (*tangible embodiment*) da força, da universalidade e da gloria do catholicismo.»

«Porisso,—conclue o *Times*—quem ataca o poder temporal, ataca o catholicismo em todo o mundo.»

Prosegue dizendo que, ainda que pela robusta organização do catholicismo, não ha a temer que diminua a influencia espiritual do Pontifice, privado do poder temporal, não se vê a razão porque se ha de defraudar o desejo de todos os catholicos do mundo, com o perigo quasi inevitavel de que tambem os governos catholicos se resolvam a declarar abertamente que no Pontifice não querem vêr um *agente*, ainda que se diga livre, de nenhum governo. Napoleão quiz converter o Papa n'um *senhor capellão* da sua côrte; porém o mundo catholico não o consentiu; pôde crêr-se que tolerará que o Papa se converta n'um *senhor capellão* do governo italiano?

O artigo conclue com estas palavras: «Os inglezes devem reconhecer, em justiça, que o Papa tem muitas e optimas razões para explicar e justificar a sua resistencia.»

Este artigo do *Times*, interpretado com tanta má fé pelos jornaes maçonicos de Italia, é, ao contrario das affir-

mações d'estes, uma pensada e eloquente apologia da attitudé firme e inquebrantavel do Summo Pontifice na defesa do seu direito.

A reconciliação do Vaticano com o Quirinal

Um jornal de Turim, que levava, com outros companheiros, a Sua Santidade uma offerta de 25:000 libras para o dinheiro de S. Pedro, falou-lhe de reconciliação com o novo reino; e, apesar da questão ser delicada, o Papa entrou n'ella e disse: «A conciliação pôde fazer-se; porém sómente debaixo d'uma condição, que é a restauração de Roma, reconhecendo os direitos da Santa Sé.»

A Igreja anglicana

Acaba de fundar-se em Paris uma Associação Catholica, que se propõe trabalhar exclusivamente na obra da união da Igreja anglicana com a catholica.

O *Boletim*, orgão da Associação, depois de citar a carta d'approvação do Em.^{mo} Snr. Cardeal Rampolla alludindo ao discurso de lord Halifax, publica um programma da Associação apontando os meios que pensa adoptar para a consecução do seu fim.

Errata

Não costumamos fazer erratas, porque as teriamos de fazer em todos os numeros. Abrimos, porém, excepção para dois textos latinos do artigo *Restauração!* do ex.^{mo} snr. D. Antonio de Almeida, publicado no numero anterior. Esses dois textos deviam sahir assim: *Non facere mála ut éveniant bona!*—*Dixit insipiens in corde suo, non est Deus!*— e não como sahiram.

O PROGRESSO CATHOLICO

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Continente portuguez e Hespanha, 800 reis—Ilhas, o mesmo Preço, sendo feito o pagamento em moeda equivalente á do continente
Provincias ultramarinas e paizes da União Geral dos Correios, 12000 reis—Estados da India, China, e America, 12280 réis, moeda portugueza—
Numero avulso 100 réis.

As assignaturas são pagas adiantadamente, por um ou meio anno.

O que se refira á redacção deve ser enviado a

Manuel Fructuoso da Fonseca, rua da Picaria, 74—PORTO.

O que se refira á administração (pagamento d'assignaturas, pedidos de livros, mudança de direcção, etc.) a

Vicente Fructuoso da Fonseca, na rua da Picaria, 74—PORTO.